

Assunto BAIRRO
Pituba

CLUBE PORTUGUÊS | Especialistas avaliam o aproveitamento da área

Arquitetos têm idéias para clube demolido

MARY WEINSTEIN

mweinstein@grupoatarde.com.br

Do Clube Português, na Pituba, só restaram os dois valiosos painéis do artista lusitano Jorge Baradas, de 1963. Foram salvos pelo presidente da Real Beneficência Portuguesa, Armindo Carvalho, que mandou retirar as obras e as guardou. Agora, as peças embelezam o Hospital Português, na Graça. Depois da demolição do clube, arquitetos e urbanistas da cidade opinam sobre o que poderia ser feito naquele espaço.

"Ainda não formulei nada sobre isso. Acho que a demolição foi precipitada", diz a professora da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia (Ufba) Ana Fernandes. "O clube tinha uma referência para toda uma comunidade. Poderia ter sido aproveitado talvez como um centro cultural de que Salvador carece terrivelmente. Poderiam ser desenvolvidas várias atividades nele", pontua Ana, para em seguida reivindicar, tardiamente: "No edifício, poderia se instalar um Centro Cultural do Banco do Brasil, que seria uma enorme contribuição para a cidade. O banco deve isso à Bahia, sobretudo agora, que tem as contas do Estado", destaca.

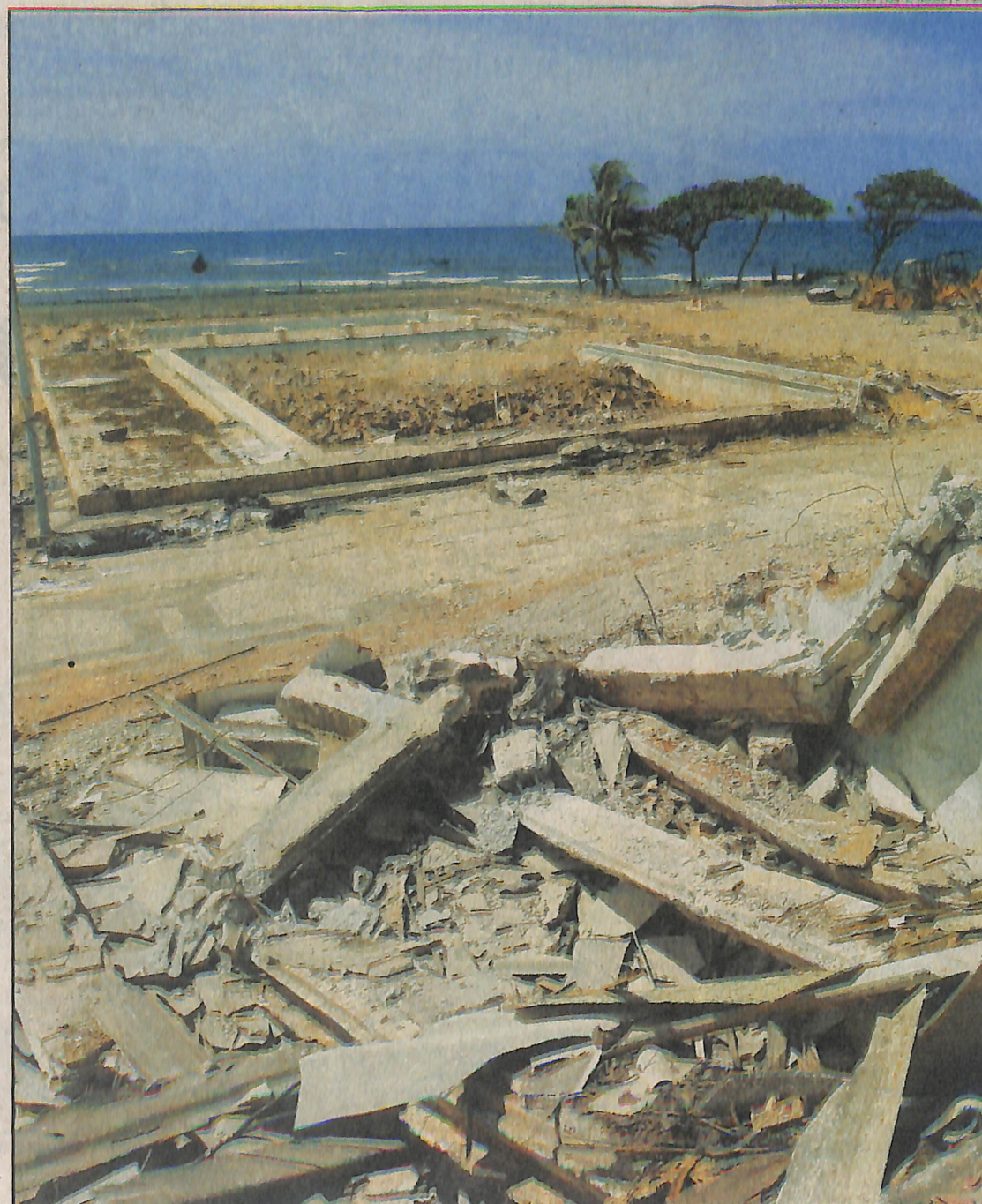
"Um horror, não foi? A gente não tem uma proposta concluída para a área demolida", lamenta a professora Liliâne Mariano,

coordenadora do curso de arquitetura da Unifacs. E cita o projeto de uma aluna que propõe criar um centro cultural, uma área aberta ao público, que aproveitaria a edificação para fazer funcionar pequenas salas de cinema, livraria, café-teatro.

"O espaço do entorno seria aberto e integrado à orla. Seria bom para fortalecer uma centralidade, porque o Iguatemi (shopping) saiu invadindo o bairro. Todo o bairro precisa ter uma centralidade", sinaliza. "Não seria interessante transformar a orla em uma paisagem unificada. Já tem o Jardim dos Namorados, então por que não aproveitar o preexistente? Vai ficar um monte de caixinhas. O clube era um marco na Pituba", lamentou.

COMPOSIÇÃO – A professora de arquitetura Anna Beatriz Ayrosa Galvão, da Ufba, diz que indicaria um espaço de lazer semelhante ao Dique do Tororó. "Espaço aberto, simples", sugere ela. "Poderíamos comparar a cidade com uma composição musical, que tem notas, mas tem que ter pausa também".

"Tecnicamente, achei precipitada a demolição, o que na verdade denota que haveria um outro interesse nessa ação. Agora, a área poderia ser uma extensão da Praça Nossa Senhora da Luz. E já que há uma ocupação com o turismo, em vez de um hotel, por



Alguns propõem a construção de um oceanário, e outros, um centro cultural no espaço deixado na Pituba



O Clube Português começou a ser demolido no dia 29/12/007, sem aviso para a população.

Quatro máquinas e 10 trabalhadores foram usados no serviço, ao mesmo tempo em que os integrantes do movimento sem-teto pegavam seus bens.

que não fazer um oceanário? As pessoas pensam que turístico é só praia, hotel, restaurante e Pelourinho. É preciso pensar de uma maneira mais criativa. Acho que poderia ter sido feita uma discussão maior sobre o que fazer antes da demolição", frisou.

O arquiteto Ivan Smarcevski defende a construção de um hotel como havia sido proposto anteriormente pela prefeitura. "Na minha opinião, um hotel, simplesmente um hotel. E um oceanário para visitação pública. Não

vejo por que se fazer uma praça", responde Smarcevski. Sobre a área ser situada na praia, Smarcevski questiona: "Em tantas cidades do mundo existem hotéis na beira do mar. Por que a Bahia não pode ter também?"

Smarcevski, que projetou o apart-hotel Porto Trapiche, na Avenida Contorno, sobre o oceano, propõe "um empreendimento que cause um retorno para a cidade. E tem espaço suficiente para fazer isso – o hotel e o oceanário", acredita.

Definição só sobre ciclovia e calçadão

A diretora-presidente da Companhia de Desenvolvimento Urbano (Conder), Maria del Carmen, adianta que só está definido fazer uma ciclovia e um calçadão. "Passarão por detrás do clube, integrando a área à cidade. O que vai ser executado além disso ainda será estudado. Vai ser pensado conjuntamente, discutido com a Secretaria Municipal de Planejamento", disse a gestora.

"No primeiro momento, o estudo será feito pela Conder, que está estudando a orla como um todo", lembrou. "Estamos pensando em uma linguagem para a orla. A nossa primeira etapa vai até o Jardim de Alá. A segunda até o Aeroclube. Agora tem o Português", refletiu. Sobre a construção, a diretora informa que "não tem recurso estabelecido. Aí vamos tentar captação, alguma coisa terá que ser pensada, com o governo do Estado, com o Ministério do Turismo". Del Carmen afirmou que as empresas contratadas para as obras serão escolhidas por meio de licitação.

OPINIÕES – A população também opina sobre o destino da área. O cabeleireiro Milton Rosselli, 60 anos, morador da Barra, acha que em vez de destruir tudo, deveriam ter sido conservadas as instalações para que fosse feito "um espaço aberto para a sociedade, com piscina. Mas agora que já foi destruído, mesmo, pode ser uma continuação da Praça Nossa Senhora da Luz. Era tudo muito bonito, era muito interessante, o Clube Português".

A fotógrafa Diana Duarte, 50 anos, moradora na Rua Artur de Carvalho, na Pituba, há 10 anos, gostaria que "não tapassem o mar e que se fizesse uma praça bonita como a Nossa Senhora da Luz. Eu levava minha sobrinha para aprender a nadar lá. E que não deixem colocar barracas para não perder a beleza do mar. Por que hoje deveria se dizer eu vou à barraca em vez de vou à praia. Salvador está sem orla".